

Este texto está sujeito à seguinte licença:  
Licença Creative Atribuição-Uso Não-Comercial-Compartilhamento pela mesma  
Licença 2.5 Portugal Commons  
Para este efeito os autores são Ana Vitorino, Carlos Costa e Catarina Martins.  
Descarregue, partilhe, utilize e transforme. Mas exclusivamente para fins não  
comerciais e creditando sempre as autorias originais. E volte a partilhar eventuais  
obras derivadas deste mesmo modo.

## ERRARE

*Ele acerca-se da porta do Posto de Turismo e abre-a. O seu olhar agitado percorre o espaço e acaba por fixar-se no pequeno sofá à sua frente. Com uma expressão de reconhecimento e alívio, ele entra finalmente e aproxima-se, sorrindo.*

**Ele** - Olá. Obrigado por teres vindo. Acho que sozinho não era capaz de fazer isto. Deixa-me sentar aqui um bocadinho no sofá, ao teu lado.

*Ele senta-se, um pouco embaraçado.*

**Ele** - Eu sei que isto é muito estranho, nós mal nos conhecemos, mas preciso que me ajudes. Eu acabei de chegar à cidade e só tenho dois dias para encontrar o meu irmão. Não faço ideia do que lhe aconteceu. Um dia foi-se embora. Mais tarde soube que estava aqui e depois nunca mais tive notícias. Pensava que ia ser fácil chegar cá e encontrá-lo. Mas a única coisa que ele me deixou foi uma gravação e uma espécie de mapa. Parece que tenho que ir a um sítio qualquer. Não sei bem para quê. Vamos tentar seguir as indicações que ele deixou. Fazemos assim: vamos andar devagar e com muita atenção. Tenta andar sempre no meu ritmo. Não nos podemos perder um do outro. Eu não conheço a cidade mas sei onde devemos começar. Estás pronto?  
Então, vamos levantar-nos e sair para a rua.

*Ele levanta-se do sofá. Encaminha-se para a porta, abre-a e sai para a rua. Pára no passeio.*

**Ele** - Estamos na Strada Melloni. Viramos à esquerda e seguimos pelo passeio.

Na esquina vamos atravessar em direcção à gelataria “Parmigianino”. Os carros aqui vêm da esquerda. Vamos.

Estamos de frente para a gelataria. Vamos virar à esquerda e seguir sempre pelo passeio.

Estamos no Borgo del Parmigianino. Seguimos em frente.  
É aqui que começa.

*Liga o pequeno gravador portátil que traz na mão.*

**Irmão (voz na gravação)** - Olá. Afinal sempre vieste. Quero mostrar-te uma coisa. Estás no sítio certo? Segue sempre em frente.

**Ele** – Vamos. Sempre em frente.

À nossa direita aparece o Borgo Montassù. Vamos parar na esquina. (*ele pára, hesitando*)  
Não sei o que é para fazer. Ele não diz nada...

**Irmão (voz na gravação)** - Ah! Já aí estás? Não vale a pena correres. Sempre andaste demasiado depressa. Aqui, terás de seguir o meu ritmo, teremos de caminhar calmamente e parar nos cruzamentos. Há demasiadas vidas em que tropeçar: iremos devagar. Atravessa a rua e continua em frente.

**Ele** - O.K.,\_Seguimos em frente. Continuamos pelo Borgo del Parmigianino. Vamos.

**Irmão (voz na gravação)** - Faz de conta que isto é um jogo. Esta cidade construí-a eu. Só eu sei como se chama. Tu andas por onde eu te disser. Quando chegares ao fim descobres onde estás. Confia em mim. Abre os olhos. Estas são as nossas ruas... Podemos chamar-lhes nossas, não podemos? Estamos a percorrê-las juntos.

**Ele** – Passamos por baixo das varandas.

**Irmão (voz na gravação)** - Sabes, quando aqui cheguei estava como tu. Também não conhecia nada. Quando andava por estas ruas o que me traía eram os meus olhos dispersos, que pousavam em todo o lado e viam tudo pela primeira vez. O que nos faz estrangeiros é este passo a meio termo que não é o passo do passeio do turista que aprecia nem o passo apressado daquele que aqui vive.

**Ele** – Outra vez por baixo das varandas.

**Irmão (voz na gravação)** - Não ter destino, ninguém à nossa espera em algum lado, nenhum café ou loja onde nos recebam com um “Olá” habitual, nenhum encontro marcado, nenhuma casa onde habitualmente se regressa.

**Ele** – Seguimos sempre em frente, em direcção à tabacaria.

**Irmão (voz na gravação)** – Tudo começou com coisas pequenas. Um dia saí de um café e deixei o casaco lá. Uns dias antes não tinha encontrado os óculos de sol no sítio do costume. Quando na manhã seguinte àquele dia do café me apanhei na rua sem as chaves de casa percebi que se passava algo de grave.

**Ele** – Passamos a tabacaria e aproximamo-nos do cruzamento. Seguimos sempre pelo passeio.

**Irmão (voz na gravação)** - Em qualquer outra pessoa estas coisas seriam triviais, uma cadeia de pequenas distrações. Mas eu não tenho pequenas distrações. Pequenas não. Ou antes, não tinha.

**Ele** – Na esquina atravessamos em frente. Os carros vêm da direita. Continuamos ao longo da mesma rua, sempre pelo passeio da direita.

**Irmão (voz na gravação)** - Passei a caminhar com um passo incerto, com um medo terrível que uma destas pequenas distrações pudesse causar um cataclismo. Mas o pior é que não parou por aí. De dia para dia comecei a reparar que este branco de memória ia avançando,

como se aos poucos alguma criança malandra me retirasse do cérebro blocos coloridos de informação.

**Ele** – Na esquina atravessamos e seguimos em frente pelo Borgo del Naviglio. Cuidado, os carros vêm de trás. Seguimos pelo passeio do lado esquerdo.

**Irmão (voz na gravação)** - Agora muda de passeio. Passa para o lado da casa cor de salmão.

**Ele (olhando para a direita)** - Ah! Aquela casa laranja. O.K. Vamos mudar de passeio. Atravessamos em direcção à casa com o nº5. Cuidado com os carros.

Seguimos em frente.

**Irmão (voz na gravação)** - Quando dei por mim estava a esquecer-me de tomar decisões. Comecei a esquecer-me não das pessoas, das pessoas nunca me esqueci, mas das razões pelas quais me lembrava delas.

**Ele** – A rua curva ligeiramente à direita.

**Irmão (voz na gravação)** - Foi quando percebi que não me lembrava dos sítios, que cruzava as ruas e a minha mente via-as como nomes de ruas, que estava numa casa como podia estar noutra, ou num largo ou num beco, foi aí que decidi partir para uma cidade estranha.

*À esquerda abre-se uma rua com uma fiada de casas coloridas.*

**Ele** – Ignoramos a rua à esquerda. Continuamos em frente, sempre pelo passeio.

**Irmão (voz na gravação)** - Nem sequer olhaste, pois não? Nem reparaste nas cores das casas. Também há arco-íris em tons de terra.

À tua direita há um pequeno largo com um bebedouro. Entra e vai até ao fundo.

**Ele** - O.K. Vamos entrar no largo, em direcção ao bebedouro e seguimos até ao fundo.

*Ao fundo do pequeno largo, um gradeamento de ferro, para lá do qual se ergue um alto muro de pedra.*

**Ele** - Paramos junto à grade. (*irónico*) Só tu é que chamavas a isto um largo!

**Irmão (voz na gravação)** – É que, percebes, não deve haver pior do que perder a memória na nossa própria cidade, o próprio berço e creche e infantário das nossas memórias. Assim como assim, aqui saio à rua e ando e não me lembro de nada, mas sinto o infinito alívio de saber que aqui não há nada de que eu me pudesse lembrar.

*Um bando de pombos debica os pedaços de pão que alguém deixou junto ao bebedouro.*

**Irmão (voz na gravação)** - Sem memória preciso da cidade para saber que existo. Caminhar para ser escrito, transformando sem deixar marcas visíveis.

Caminhar como se fosse um livro em gestação, aberto a notas e ao cheiro das mãos e das prateleiras. Um livro que se estende para lá das páginas como uma casa que cresce por trás de uma abertura pequena demais para guardar imagens tão grandes. Então as estantes movem-se, abrem passagens secretas e escalas diferentes.

Agora podes continuar. Mas muda de rua. Vai devagar.

**Ele** – Vamos sair do largo e mudar de rua. Entramos naquela rua que tem o sentido proibido.

*Nas casas em frente vêem-se marcas de antigas janelas, agora bloqueadas por tijolos.*

**Ele** - Restos de pão, janelas tapadas junto de portadas recentes... Parecem cicatrizes.

Estamos no Borgo Gazzola. Vamos seguir em frente pelo passeio da esquerda. Aqui o trânsito vem de frente.

**Homem velho** – Naquela altura, o nosso maior divertimento era ir dar uma volta pelo mercado, quando ainda era na Viale Mentana.

**Mulher velha** – Ou ir até à Via Cavour...

**Ele** – Aqui a rua alarga um pouco.

**Homem velho** - Aos Domingos ia-se dançar à casa de alguém. Algumas noites íamos ao cinema. Andávamos assim...

**Mulher velha** - Na cidade havia uma só prostituta. Vivia numa casa pequena aqui do bairro. Quando tinha algum cliente, acendia uma candeia num buraco da parede exterior onde dantes estava uma imagem de Nossa Senhora da Anunciação.

**Ele** – Agora a rua estreita outra vez. Vamos seguir até ao fundo.

**Mulher velha** - Depois da Libertação, a moça partiu com um fotógrafo americano. Mas ainda hoje aqueles tijolos se iluminam sempre que alguém faz amor por trás dessas paredes.

**Irmão (voz na gravação)** - Agora sai para a avenida.

**Ele** – Então, no final do Borgo Gazzola viramos à direita. Subimos em direcção à avenida.

*O barulho do movimento de carros e pessoas aumenta.*

**Ele** - Estamos a chegar à avenida. Viramos à direita. Sempre pelo passeio.

**Irmão (voz na gravação)** - Olha para o outro lado.

**Ele (olhando)** – À nossa esquerda está uma passadeira. Vamos até lá e paramos antes de atravessar. (*hesitante*) Não sei se é para atravessar.

*Na avenida, os carros passam velozmente em ambos os sentidos.*

**Irmão (voz na gravação)** - A ponte não é assim tão comprida, o rio praticamente uma poça. O céu do outro lado é o mesmo e as pessoas passam, para cá e para lá, como se o fizessem todos os dias.

Então porque é que não te atreves a dar estes últimos passos? Porque ninguém te chamou do outro lado? Porque tens medo que ali tudo seja diferente? Ou medo que tudo seja exactamente igual?

E se não te atreves a ir, porque é que ficas aqui parado, sem poder desviar os olhos, roído dessa curiosidade intensa que nenhum medo consegue destruir?

**Ele** – Não atravessamos.

**Irmão (voz na gravação)** - Volta para trás.

**Ele** - Vamos voltar para trás pelo mesmo caminho. Vamos! Saímos da avenida e entramos na rua onde já estivemos.

Deixamos a avenida e viramos à esquerda para entrar na rua de onde viemos.

**Irmão (voz na gravação)** - Agora segue sempre em frente.

**Ele** - O.K. Desta vez vamos seguir sempre em frente

Atravessamos para o passeio da direita e continuamos em frente. Cuidado com o trânsito.

**Irmão (voz na gravação)** - Na rua das casas tortas ouve-se uma espécie de música. Farrapos de música, restos de sons.

A princípio, julguei que seriam espanta-espíritos. Depois percebi que eram as paredes, uma espécie de respiração pesada e lenta da argamassa.

**Ele** – Estamos a chegar a um cruzamento. Vamos atravessar com cuidado e seguir sempre em frente pelo passeio da direita.

**Irmão (voz na gravação)** – Parece uma provocação este alfabeto estranho. Vês a placa?

**Ele** (*reparando*) – Do outro lado da rua, no nº11, há uma placa estranha. Vamos parar e tentar lê-la daqui.

*A pequena placa metálica à porta da casa parece dar uma informação em caracteres ilegíveis.*

**Irmão (voz na gravação)** - Devem ser ainda letras estes signos distantes de qualquer ideia antiga. Fazem-me sentir analfabeto de mim e da vida com a memória das palavras cada vez mais desbotada.

**Ele** – Continuamos em frente pelo passeio da direita. Vamos.

**Homem jovem** – Enganei-me, não foi? Sim, porque, se decides partir mas depois passas a vida sem fazer nada... Agora sinto que me enganei, dantes não... agora sinto que me enganei...

**Ele** – Passamos a igreja e depois o cinema. Atravessamos o Borgo Guazzo e continuamos em frente, pelo passeio da direita.

*Os ramos de uma árvore alta que cresce no pátio de uma casa atravessam a rua, escapando por onde podem às paredes que os cercam.*

**Irmão (voz na gravação)** - Um cedro estende os ramos como dedos planando numa calma pensativa.

Um cedro espraia as ideias pelo céu prolongando os claustros.

Entrega-se ao silêncio e por isso se percebe melhor o vento. Como se das suas raízes crescessem as praças, permanece. Criando espaço como se esperasse alguém.

**Ele (cortante)** - Estende os ramos para onde? Está entalado entre os prédios!

Estamos a chegar ao fim do Borgo della Trinitá.

Vamos atravessar a rua que passa à nossa frente. Cuidado com os carros.

Paramos no passeio do outro lado.

*Ele atravessa. Detém-se no passeio do outro lado, hesitando. Por cima da sua cabeça um sinal de sentido proibido à esquerda.*

**Irmão (voz na gravação)** - Estes sinais não são para nós, continua.

**Ele** - Bem, no passeio, de frente para o nº41, viramos à esquerda. Vamos. Passamos a placa de sentido proibido e seguimos em frente.

**Engenheiro** - Era casa de gente rica...

*Ele repara numa casa antiga, do outro lado da rua, com vestígios de uma pintura na fachada.*

**Ele** - Olha! São frescos desbotados.

**Engenheiro** - Construíram os quartos e as áreas de serviço, deixando o monumental salão de festas para o final.

**Ele** - A rua começa a curvar ligeiramente à direita. É melhor mudar de passeio. Atravessamos a rua com cuidado e seguimos em frente.

**Engenheiro** - Quando toda a primeira parte da casa ficou pronta, prepararam o fresco para ornamentar aquilo que seria a parede interior do salão. Mas entretanto acabou-se o dinheiro e a família ficou cheia de dívidas. E assim a rua acabou por passar no sítio onde deveria estar o salão e os credores construíram as suas casas do outro lado, de frente para o fresco.

**Ele** – Passamos a paragem de autocarro. Estamos a chegar ao cruzamento.

No cruzamento atravessamos em frente e seguimos pelo passeio da esquerda. Cuidado com os carros. Vamos. Sempre em frente.

*Na parede da casa em frente, uma placa de mármore exhibe uma lista de nomes de antigos habitantes daqueles bairros, mortos nas lutas anti-fascistas.*

**Ele** (*lendo*) - Gazzola, Massera... são os nomes das ruas... Ah, não... são pessoas... (*ele avança*) Entramos no Borgo degli Studi .

**Benita velha** – Eu gostava de cantar e até cantava bem... Então uma noite, quando estava a cantar, uns rapazes que tinham sido apanhados nas montanhas e presos ouviram-me e chamaram-me: “Benita, Benita, amanhã fuzilam-nos!” Começámos todos a chorar. E então eles pediram-me: “Canta-nos aquela canção, que depois já não te ouvimos mais.” E eu cantei-lhes: “Espera-me, amor, não me abandones, espera-me, amor, a vida é tão bela quando estou perto de ti.”

**Irmão (voz na gravação)** - Aí à frente há uma praça. Quero que a vejas.

**Ele** – À nossa esquerda está a Piazzale San Francesco. Vamos entrar na praça pela abertura central.

À nossa esquerda estão quatro bancos de madeira. Vamos até ao último, lá no fundo.

*Ele segue em direcção ao banco do fundo. Passa pela marca branca que assinala no chão o sítio onde em tempos se erguia a entrada de uma prisão.*

**Irmão (voz na gravação)** - Vês a marca no chão? A que divide este sítio ao meio? Quando a atravessares entraste nos muros da prisão. Preso por uma risca no chão.

**Prisioneiro 1** – Benita! Benita!

**Prisioneiro 2** – Amanhã fuzilam-nos!

**Ele** - Sentamo-nos aqui, de frente para a igreja.

*Ele senta-se no banco, de frente para a fachada de uma velha igreja. Parece não ter reparado na fachada da antiga penitenciária, à sua esquerda.*

**Prisioneiro 3** – Depois já não te ouvimos mais!

**Benita jovem** (*canta*) - “*Aspettami amore, non mi lasciare, amore aspettami, la vita è così bella, quando sto vicina a te.*”

**Ele** - Prisão. Ele falou numa prisão. Estaremos enganados? Se calhar estava a falar da igreja.

*Ele observa a fachada da igreja. Tem uma porta de madeira que parece temporária, fechada a corrente e cadeado.*

**Ele** - Mas o que é que eles estarão a fazer lá dentro? (*curioso*) Vamos espreitar? Vamos até à porta da igreja, aquela de madeira.

*Ele levanta-se e aproxima-se da porta. Pára, os pés assentes nos restos de um monte de areia.*

**Ele** - Olha, há um buraco na porta. Podemos espreitar lá para dentro

*Inclina-se e espreita. A igreja está vazia, à excepção do que parecem ser restos de material de obras. Ao fundo da nave a luz irrompe por uma grande rosácea.*

**Irmão** - É a isto que aspiro; esvaziar-me totalmente por dentro, deixar só intactas as paredes da fé e uma rosácea por onde às vezes passe o Sol.

Nessa altura, finalmente, os outros olharão não para mim mas através de mim, e verão, com uma clareza imprevista, o céu azul do outro lado.

**Ele** – Vamos continuar. Vamos voltar ao Borgo degli Studi mantendo-nos no lado esquerdo da praça. *(olha para baixo)* Tch, agora fiquei com areia nos sapatos!

*Ele cruza a praça no sentido contrário.*

**Irmão (voz na gravação)** - Lembras-te, na praia, quando eu corria perto da água, a pôr mais peso do que tinha nos pés para deixar pegadas bem marcadas – tu corrias atrás, plantavas os teus pés no lugar dos meus, esticavas muito as pernas para acompanhar o meu trilho e quase caías. Às vezes vinha uma onda bruta que quase apagava tudo.

**Ele** – Vamos atravessar a rua com cuidado e seguir para a esquerda em direcção ao jardim.

**Irmão (voz na gravação)** - Tu então paravas, perdido, e tentavas recomeçar, às vezes nem percebias que já estavas a seguir os pés de um estranho qualquer.

**Ele** - À direita há uma passagem estreita que dá acesso ao jardim. Vamos usá-la. Vamos até ao centro do jardim.

*Ele pára, perdido.*

**Ele** - E agora? Não sei que faça. É melhor parar aqui no meio.

**Jovem imigrante** – Porque quando fazes três meses de uma língua dão-te a possibilidade de escolher quatro cidades para onde preferias ir estudar. Eu escolhi quatro cidades de mar: Trieste, Ancona, Nápoles e Cagliari. Não escolhi Parma. Nem sabia que havia uma cidade chamada Parma. Depois quando cheguei à Embaixada, havia uma lista onde estava o meu nome e a cidade para onde me mandavam. Era Parma. Perguntei: “Em Parma ao menos há mar?” Disseram-me: “Vai.” E eu vim.

**Irmão (voz na gravação)** - Não desesperes, está quase. Continua a andar. Sobe. É sempre em frente.

**Ele** – Vamos sair do jardim. Subimos a rampa que está à direita da estátua.

*Na esquina de uma casa, frente ao topo da rampa, uma imagem de mulher segurando um menino.*

**Irmão (voz na gravação)** - Às Madonnas desbotadas, são os filhos quem as embala.



**Ele** – No fim da rampa atravessamos e seguimos em frente, pelo passeio da esquerda. Vamos, sempre em frente.

*Ele segue ao longo da extensa parede de pedra à sua esquerda.*

**Irmão (voz na gravação)** - Se quiseres passa a mão pela parede para seres que estás vivo.

**Ele** – Estamos no Borgo Pipa. Continuamos sempre em frente.

**Irmão (voz na gravação)** - Nunca saberemos com certeza se nada disto é verdade. Se alguma vez gostaste de leite morno, se as pedras eram grandes e muitas, se a corrente da minha bicicleta saltava sempre na mesma curva. Nos livros nunca se fala de quintais escondidos, de miúdos ou de pequenos almoços. E a memória engana mais do que ajuda. Entre duas ruas há sempre um vazio a uni-las. A altura da perna da mesa é sempre mais alta do que o tampo em que as nossas cabeças batem. Precisamos de um Metro. Temos de encontrar uma medida precisa para ordenar a memória e virar as páginas aos livros.

**Ele** - Aproximamo-nos de uma espécie de cruzamento. Continuamos no passeio da esquerda. (*repara no monumento à sua frente, as paredes repletas de marcas antigas*) Outra vez as cicatrizes! Ali à frente... o estranho é que não parecem remendos... parecem... eu sei lá o que é que parecem!

Vamos curvar ligeiramente à esquerda, continuando sempre pelo mesmo passeio.

**Irmão (voz na gravação)** - Roçar as paredes. Sentir as paisagens que se abrem do outro lado. É aí que deves chegar: ao lado de lá destes muros. Sempre ao longo do muro que a morte é certa.

**Ele** - A parede à nossa esquerda está a acabar. Contornamos o edifício, virando à esquerda, sempre por este passeio, sempre junto à parede. Continuamos. Ao fundo, à esquerda, parece que há uma porta aberta. Deve dar acesso ao interior. É para lá que queremos ir.

*Ele chega à porta de um mosteiro. Entra. À sua frente um gradeamento de ferro barra o acesso aos claustros.*

**Irmão (voz na gravação)** – O portão está fechado. O acesso aos claustros é feito pela loja, a pequena porta à esquerda. Tens que entrar na loja e sair para o claustro. Às vezes as portas estão fechadas por causa do vento mas podes abri-las. A primeira empurra-se, a segunda puxa-se.

**Ele** - Bem, vamos.

*Empurra a pequena porta à esquerda e entra na loja do mosteiro. O monge do balcão repara nele, depois volta ao seu trabalho. Ele atravessa a loja e abre a segunda porta.*

**Irmão (voz na gravação)** - Estás no primeiro claustro, de costas para a porta. Segue para a direita, na direcção do segundo claustro.

**Ele** - Vamos.

**Irmão (voz na gravação)** - No segundo claustro continua sempre em frente.

Ao fundo vira à esquerda.

Segue sempre em frente e entra no átrio.

No átrio viras ao fundo à direita e saís para o terceiro claustro. No claustro segue para a esquerda.

Pára junto ao muro, depois do vaso. Senta-te. Descansa um pouco.

*Ele senta-se no pequeno muro, virado para o centro dos claustros.*

**Irmão (voz na gravação)** - E agora ouve.

*No centro dos claustros há um enorme cedro. Nos seus longos ramos pousam pássaros, que depois voltam a levantar vôo, com um delicado chilrear. No alto, a toda a volta, vêem-se as pequenas janelas dos quartos dos monges. Por uma delas, ligeiramente aberta, escapa-se o som de uma contínua oração.*

**Ele (lentamente)** - Pássaros e vento. Está bem. *(pausa)* Pássaros e vento *(distráido)* O meu voo amanhã é às... Tenho de lá estar uma hora antes, pelo menos *(voltando a concentrar-se)* Ouvir, ouvir! *(repara num som)* Será alguém a rezar? *(olha para cima)* Porque é que aquelas janelas são tão pequenas? *(distrá-se novamente)* Ainda não comprei nada para levar. Chatice! *(observa a árvore; subitamente percebe)* Ah! A árvore que-

*O botão do gravador dispara. A gravação terminou.*

**Ele (surpreendido)** - Então? Acabou? É só isto? E agora? *(depois de uma pausa)* Bem, não podemos ficar aqui para sempre. *(levantando-se)* Vamos embora. Vamos sair do claustro por onde entrámos. Vamos.

*Começa a fazer o caminho no sentido contrário.*

**Ele** - Atravessamos o átrio mas agora ao chegar ao segundo claustro viramos logo à direita.

Seguimos em frente, em direcção ao primeiro claustro.

Ao chegar ao primeiro claustro, viramos logo à esquerda e seguimos em direcção ao relógio.

Junto ao relógio viramos à direita para sair do mosteiro. Saímos tal como entrámos, através da loja.

*Atravessa a loja e sai do mosteiro.*

**Ele** - Estamos de volta à praça, de costas para a porta do mosteiro. Agora vamos virar à direita e seguir junto ao edifício. Exactamente por onde viemos. Vamos.

Não sei bem para onde, mas hei-de orientar-me. Pelo menos agora podemos andar um bocadinho mais depressa.

*Apressa ligeiramente o passo.*

**Ele** - Estamos a chegar à esquina. Vamos atravessar para o passeio em frente e virar à direita. Seguimos por este passeio que acompanha o edifício à nossa esquerda. (*irritado*) Mas que raio! Trazer-me aqui para isto! E agora o que é que eu faço? (*parece hesitar*) Bem, sempre por este passeio, que continua a curvar à esquerda. (*entredentes*) Esta mania de complicar tudo. De seguir sempre o caminho mais difícil. De escolher o cinzento quando a pergunta é preto ou branco. De pôr a cruzinha sempre na opção “outro”. (*mais alto*) Estamos na Strada del Consorzio e continuamos sempre em frente. (*irónico*) Recusa-se a acreditar que o caminho mais rápido entre dois pontos é uma recta. Diz que não é. Diz que as pedras do caminho interessam mais que o destino.

**Mulher ao telefone** - Já sabes a que horas chegas?

**Ele** – Mas e depois? Como é que se vive todos os dias com isso? No avião perguntam-nos com um sorriso: chá ou café? Dizemos “outro”? E bebemos o quê? Nada?

**Mulher ao telefone** - Mas onde é que estás exactamente?

**Ele** - E onde é que estão as pedras do caminho? Ficamos à espera que apareçam no tapete rolante das bagagens? Parados no aeroporto a adiar eternamente a chegada ao destino?

**Mulher ao telefone** - Onde é que isso fica? Parma?

**Ele** (*gritando sobre o barulho dos grupos de turistas*) - Estamos a chegar à praça.

**Mulher ao telefone** - Na net encontrei quatro ou cinco só nos Estados Unidos.

**Ele** - Vamos atravessar e seguir em frente pelo passeio estreito que tem o caixote de lixo.

Sempre por este passeio, passando por baixo dos candeeiros.

Estamos a chegar ao fim da praça. Vamos meter pelo beco à nossa direita. É o Vicolo del Vescovado.

Seguimos sempre em frente pelo beco.

*O barulho dos turistas cessa quase totalmente ao entrar no beco.*

**Ele** - Vamos continuar sempre em frente, pelo túnel. Sim, aquele túnel que parece não ter saída.

**Funcionária do aeroporto** - No route changes are permitted.

**Ele** - Estamos a entrar no túnel; ao fundo vamos virar à esquerda.

**Funcionária do aeroporto** - All monies paid are non-refundable.

**Ele** - Viramos à esquerda e continuamos sempre em frente.

**Funcionária do aeroporto** - Dates and times and names are changeable subject to fee and upgrades

You are recommended to buy suitable insurance

Some of your details may be passed to aid your booking with our partners

You will need to provide confirmation number and positive photo I.D.

All times displayed are local

You are advised to review your details between 24 and 72 hours prior to departure

It is your responsibility to advise of any changes to your contact details

Be sure to return

No changes No route

**Ele** - Estamos a chegar ao fim do beco. Vamos atravessar a estrada em direcção à loja de gravuras. Paramos de frente para a loja de gravuras.

*Ele pára. O barulho das pessoas na rua voltou aumentar.*

**Ele** (*entredentes*) - Que confusão! O que é que eu estou aqui a fazer? (*alto*) Seguimos para a direita. Vamos. Na direcção do cruzamento.

**Estrangeiro na rua** - Inevitably, you know, I-NE-VI-TABLY, suffering and whining and complaining, but still... still...

**Ele** - No cruzamento vamos virar à esquerda.

**Mulher na rua** – Sempre foste assim. Só que às vezes lembras-te e às vezes não!

**Ele** - Viramos à esquerda e entramos na Strada Cavour. Vamos seguir sempre em frente, pelo passeio da esquerda, junto às lojas.

**Rapariga na rua** - Que nome tão feio!

**Rapaz na rua 1** – Lasa stär! Ca' tovva a te gh'l'è in tésta.

**Ele** (*olhando à volta*) - Esta rua... é a mesma em todo o lado. Para onde vai toda esta gente?

Ignoramos o Borgo San Biagio, à nossa esquerda, e seguimos sempre em frente.

**Irmão** - Puseram-me na montra, entre retratos e fotografias de casamento, os cotovelos na mesa e a cabeça nas mãos. Na montra, defronte do café do Nino. O Nino, que me chamava Paul por me achar parecido com o Paul Newman.

Paul Newman, eu, que sempre parei um palmo antes da partida.

**Ele** - Outra igreja... Passamos a rua estreita à nossa esquerda e vamos em frente. Olha, estás a ver a livraria à nossa esquerda? Vamos até lá.

Vamos parar junto à montra da livraria. Preciso de parar um bocadinho. (*lembrando-se*) "Então as estantes movem-se, abrem passagens secretas e escalas diferentes". (*subitamente*) Vamos entrar na livraria e seguir pelo corredor estreito da direita, junto às estantes.

*Entra na livraria.*

**Ele** - A parte de baixo destas estantes à direita tem gavetas. Pára junto à última estante com gavetas. (*surpreendido*) Ah! Se te encostares ela mexe. É uma porta. (*receoso*) Não abras! Vamos voltar para a porta da livraria mas agora pelo corredor central. Vamos.

Ali à direita, antes da porta, há uma escada em caracol. (*lendo uma placa nas escadas*) "Un mondo di Tasca Bili". Vamos descer. Cuidado com os degraus.

*Ele chega ao andar de baixo da livraria, que está dividido em três salas comunicantes.*

**Ele** - Atravessamos os dois arcos à nossa frente e vamos até à última sala. Cuidado com o degrau.

*Chega à terceira sala. Está repleta de estantes de livros.*

**Ele** - Nesta última sala há um sofá preto. Vamos sentar-nos um pouco.

*Senta-se, observando as estantes.*

**Irmão** - Lembras-te quando jogávamos às escondidas? O Sandro escondia-se sempre na árvore torta. Naquela em que os nós faziam uma escada. Depois deixava-se ficar para último e esperava que passássemos por baixo da árvore. Saltava nas nossas costas e corria a livrar todos.

**Sandro** - O último livra todos!

**Irmão** - Enganava-nos sempre. E a árvore era pouco alta e nem sequer era frondosa. Nós é que nunca nos lembrávamos de olhar para cima.

**Ele** - Eu costumava esconder-me na biblioteca, entre sebes de livros. Para mim os livros eram os sítios para guardar as coisas partidas, desabitadas de pessoas e lugares. Escondias-me lá por saber que ele detestava o cheiro a naftalina que espalhavam pelas estantes com medo das traças.

Bem, vamos levantar-nos e sair.  
Passamos o primeiro arco. Cuidado com o degrau.

*Ele detém-se subitamente.*

**Ele** - Pára! Está um livro fora do lugar. Estás a ver? Aqui, na segunda sala. Na estante à direita, na prateleira de cima. Deitado por cima dos outros, mesmo aos pés de Cristo. Será que o deixaram ali de propósito? Pega nele. Consegues chegar-lhe? (*ansioso*) Abre-o. Vês? Tem uma página marcada.

*Lê em voz alta o poema assinalado.*

“Quando sentido eu tenho do que ao senso surge,  
O senso é senso em mim já antes de ser meu.  
Quando ouço, o Ouvir, antes que mesmo eu ouça, ouve.  
Se vejo, antes de mim o Ver abstracto vê.

Parte Alma eu sou, parte Eu em tudo quanto toco-  
Alma pelo que atinjo de comum com tudo,  
E Eu a caída parte que faz senso tal  
Que posso errar por ele e senso meu chamar-lhe.  
O resto é meditar em que significado  
Terão explicações que súbitas se somem,  
Quais mensageiros rindo da mensagem que  
Tudo vem explicar menos a explicação,  
    Como se havida a cifra de uma criptocarta,  
    Achamos que está escrita numa língua ignota.”

Hm. Estou a ver.  
Vamos pôr o livro exactamente onde estava.  
Vamos embora.  
Passamos o segundo arco e subimos as escadas para sair da livraria.

*Chega novamente ao primeiro piso da livraria.*

**Ele** - Vamos sair.

*Ele sai para a rua e pára no passeio.*

**Ele** - Estamos de volta à rua, de costas para a livraria.

*Observa as pessoas que passam na rua.*

**Ele** - Isto é uma brincadeira, não é? Estas pessoas todas são amigos teus? Puseste toda a cidade a olhar para mim - era este o plano? Agora que toda esta gente já acha que sou um doido... já te sentes feliz? Já não temos idade para isto. Eu não tenho tempo para isto! (*decidido*) Vamos embora. Vamos para a direita. Vamos. Seguimos sempre em frente na direcção de onde viemos.

*Ele segue, agora com uma passada mais rápida.*

**Ele** - Estás a ver-me de uma destas janelas? De onde é que me estás a espiar? Da janela daquela loja? De onde? Daquele campanário? É aí que estás? No campanário? Vamos mudar de passeio! Atravessamos a rua na direcção da Banca di Roma e seguimos em frente pelo passeio da esquerda.

*Ao passar o banco ele repara na câmara de televigilância.*

**Ele** - Está uma câmara ali em cima. Estás a vê-la? Seguimos em frente. (*entredentes*) Pareço um maluquinho, de um lado para o outro, sem saber para onde estou a ir. (*alto*) Vamos sair da Strada Cavour. Entramos na primeira rua à nossa esquerda. Tenho que sair daqui!

Viramos à esquerda e seguimos em frente, pelo passeio da esquerda.

**Irmão** - Entrámos na igreja como se entrássemos numa gruta, piscando os olhos. Avançámos junto às capelas laterais, a fugir do eco e das velhas sentadas nos bancos do meio antes da missa. Lembras-te?

**Ele** – Ignoramos a rua à nossa esquerda. Vamos sempre em frente, em direcção aos arcos.

**Irmão** - A igreja era uma enorme casa deserta, sem padres nos confessionários. Lembro-me das mãos coladas de suor e do nervoso miudinho a crescer enquanto nos afastávamos da entrada à procura de um padre que eu não reconheci e a quem a mãe perguntou se podia confessar-se. Lembras-te?

**Ele** - Chegámos ao fim do Borgo Angelo Mazza. Do outro lado da rua estão os arcos amarelos. Vamos atravessar em direcção ao arco do meio. Muito cuidado com o trânsito.

**Rapaz na rua 2** – Vão ver! Amanhã torno-me loiro também!

**Homem na rua 1** - Já estiveste nos quatro cantos do mundo?

**Homem na rua 2** - São só quatro? Acho que já estive em mais...

**Ele** - Atravessamos pelo arco do meio e seguimos sempre em frente, entre as árvores.

**Irmão** - Aprendemos juntos a andar de bicicleta quando éramos crianças. Depois de me equilibrar sozinho dei-me por satisfeito, enquanto tu preferias arriscar o corpo e a bicicleta a aprender acrobacias sempre novas e cada vez mais perigosas. Lembro-me de teres partido um braço pouco antes de conseguires sacar o teu primeiro "cavalinho" perfeito.

**Ele** - Seguimos em frente, até à estrada.

**Irmão** - Não sei se fazia de conta que não me interessava por essas coisas para disfarçar o medo e a falta de habilidade ou se o meu desapego à "adrenalina" era genuíno. A verdade é que acabei por aprender a andar de bicicleta sem mãos quando o frio de Abril me apanhou desprevenido e dei por mim a regressar a casa com as mãos bem abrigadas nos bolsos do casaco.

**Ele** - Vamos atravessar a estrada com cuidado. Seguimos para a direita, pelo passeio.

*Ele repara no antigo edifício meio desfeito do outro lado da rua.*

**Ele** - Deve ser um palácio aquele edifício tão grande. Que estranho... parece que demoliram uma parte, mas deixaram a cicatriz.

Estamos a chegar à esquina. Vamos virar à esquerda e seguir em frente pelo passeio.

Vamos continuar nesta direcção. Temos que entrar na rua estreita que continua em frente. Na esquina atravessamos na diagonal para entrar nessa rua e continuamos em frente. Cuidado com o degrau. Cuidado com o trânsito.

Na rua seguimos em frente pelo passeio da esquerda. (*exasperado*) Esta cidade nunca mais acaba.

Estamos a chegar ao fim do Borgo della Cavallerizza.

Vamos sempre seguir em frente. Subimos a rua pelo passeio da esquerda. Vamos.

Até que enfim, uma rua que sobe!

Subimos até ao fim da rua.

*Começa a ouvir-se ao longe a batida de uma música que sai de um carro que se aproxima.*

**Irmão** - Para viver deveria bastar-nos o corpo, quando a memória se transforma em cidade bombardeada, cheia de cicatrizes e nomes quebrados.

Recolho o que sobra: as cores das casas, uma chuva de dentes de leão, a luz estreita das janelas, uma aula de canto.

**Ele** - Estamos a chegar ao fim da rua. À nossa frente está uma passadeira. Vamos atravessá-la, com cuidado. Aqui há muito trânsito. Espero por ti do outro lado.

*A música aproxima-se rapidamente à medida que ele atravessa a estrada.*

**Música no auto-rádio** – “Não me fales, não te oiço. Não me sigas, cada um tem a sua estrada...”

*O som vai desaparecendo aos poucos.*

**Ele** - Vamos parar junto ao muro.

*Ele acerca-se do muro baixo à sua frente. Chegou ao rio que corta a cidade a meio. Olha em volta. À sua esquerda e à sua direita, a pouca distância uma da outra, duas pequenas pontes dão acesso ao outro lado da cidade. As pessoas atravessam-nas, decididas. À sua frente, o contínuo fluir da água do rio. Nas suas costas, o contínuo fluir do trânsito na estrada. Ele repara numa inscrição pintada a vermelho no muro da margem oposta, mesmo ao nível do seu olhar: “Onde te encontras?”*

**Irmão** - Agora lembro-me do cheiro dos livros, da corrente da bicicleta, das pegadas na areia, dos troncos das árvores, dos confessionários da igreja. Lembro-me de tudo e parece-me que momentos assim não podiam nunca ter-se dado. Não consigo deixar de me perguntar quanto de tudo isto, os livros, as bicicletas, a areia, as árvores e as igrejas, foi invenção minha, da altura ou de agora, para compor memórias perfeitas que me acompanhassem assim, até à morte.

**Ele** (*pensativo*) - Sabes, acho que a partir de aqui tenho que seguir sozinho. (*como se acordasse de um sonho*) Obrigado por teres vindo. Estamos perto do sítio onde começámos. Podes voltar sem mim. Até à próxima.

*Ele afasta-se.*

*Caminha devagar, aparentemente sem destino.*

*Desaparece na cidade.*

Parma, 2004

**Fim**